

**DEBATES DA
CONJUNTURA
INTERNACIONAL
PÓS-
BIPOLARIDADE: O
REALISMO
OFENSIVO
(PESSIMISTA) DE
MEARSHEIMER E O
REALISMO DE
CHOQUE
CIVILIZATÓRIO DE
HUNTINGTON E
SUAS
REPERCUSSÕES**
*DEBATES OF THE IN-
TERNATIONAL ENVI-
RONMENT AFTER BIPO-
LARITY: The OFFENSIVE
REALISM (PESSIMIST)
MEARSHEIMER OF RE-
ALISM AND SHOCK CIVI-
LIZING HUNTINGTON
AND IMPLICATIONS*

Thales Castro¹

Resumo

O presente ensaio tem por objetivo atualizar os debates realistas no contexto pós-guerra fria, dando particular ênfase ao realismo ofensivo de Mearsheimer e ao realismo de choque civilizatório de Huntington.

Palavras-chave: Relações Internacionais. Realismo Ofensivo de Mearsheimer. Choque Civilizatório de Huntington.

Abstract

This essay aims to update the realistic debates in post-Cold War context, with particular emphasis on offensive realism of Mearsheimer and realism of civilizational clash of Huntington.

Keywords: International Relations. Offensive Realism of Mearsheimer. Shock Civilizing Huntington.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No presente item, iremos atualizar os debates realistas no contexto pós-guerra fria, dando particular ênfase ao realismo ofensivo de Mearsheimer e ao realismo de choque civilizatório de Huntington.

¹ Coordenador do curso de Relações Internacionais da Faculdade Damas da Instrução Cristã. Doutor em Ciência Política, UFPE. Cônsul de

Malta, nomeação reconhecida pelo Itamaraty – Brasil.

Antes, contudo, é importante marcar a importância do dado concreto do crescimento do militarismo e do armamentismo mundial como validação da importância maiúscula da projeção internacional do poder estatal e como eixo comum de união das tendências descritivas e explicativas das vertentes do pensamento realista pós-guerra fria. Neste sentido e com vistas a fornecer radiografia dos gastos militares mundiais em armamentismo, à guisa de ilustração da corrente realista pós-bipolaridade, apresentamos a tabela 9 contendo tendências das estratégias nacionais em defesa. Tanto pela ótica realista clássica, quanto neoclássica e mesmo no neorealismo, padrões de comportamento estatais em defesa e segurança nacionais são previsíveis e revelam os limites pontuais do sistema de autoajuda e dos dilemas de segurança. Desse modo, não se pode deixar de correlacionar os investimentos públicos em defesa e

armamentismo, com a escola de pensamento realista no contexto histórico pós-bipolaridade.

Estudos diversos têm sido feitos a partir de bases estatísticas mundialmente disponíveis para revelar as macro-tendências do realismo pós-bipolar e como este afeta os comportamentos internacionais dos Estados, diante de problemas estruturais como a transição hegemônica e também a criminalidade transnacional e o terrorismo.

O conceito de promoção da paz mundial ocorre, nesta perspectiva teórica, pela segurança bélica e pela força militar e não pela abolição dos instrumentos de guerra e violência em um eventual unipolarismo redefinido.² A promoção da paz se torna patente, portanto, de maneira paradoxal, pois ocorre não pelo desarmamentismo, mas, especialmente, por meio do investimento maciço global em armas. O SIPRI demonstra em seus relatórios anuais que há

² CARDOSO, Fernando Henrique. *Xadrez internacional e social-democracia*. São Paulo, Paz e Terra, 2010. p. 57.

aspiral crescente de investimentos em tais âmbitos. O “complexo industrial-militar” que fora, inicialmente, abordado com advertência e precaução pelo Presidente Republicano Dwight Eisenhower em seu discurso de despedida da Presidência, revela facetas que o maquinário econômico-financeiro dos grandes fluxos de investimentos no setor geram fortalecimento não somente da escola realista em foco, mas, sobretudo, das políticas públicas atreladas ao setor. Convém, portanto, analisar, tendo por base os dados recentes da tabela 9, os reflexos para o contexto teórico e para a práxis da política internacional.

TABELA 9

Gastos mundiais em armamentismo: uma ilustração da escola realista pós-bipolaridade ³

País	Gastos brutos totais em bilhões de US\$	População em milhões
EUA	741,1	313,5
China	380,2	1.300
Índia	92,5	1.100
Rússia	82,5	138,7
Arábia Saudita	59,0	28,1
França	54,4	65,1
Reino Unido	50,9	62,6
Turquia	46,6	78,7
Alemanha	42,2	81,4
Coreia do Sul	36,7	49,7
Brasil	34,1	192,1
Japão	33,1	126,4
MUNDO	2.157	6.800

Fontes: Global FirePower, Global Security e CIA World Factbook, 2011

O realismo da política internacional no atual momento pós-bipolar com suas múltiplas vagas revela o estudo das relações de poder da

³ Tabela construída pelo autor por meio de dados do Global Firepower. Disponível em: <http://www.global-firepower.com/total-population-by-country.asp>. Acesso em 11 de mar de 2011. Dados também cruzados

por tabela no Global Security. Disponível em: <http://www.globalsecurity.org/military/world/spending.htm>. Acesso em 14 de mar de 2011.

densa e complexa teia de relacionamentos entre atores estatais, não-estatais e individuais no plano externo tendo como variáveis intervenientes as diferentes posições políticas nacionais, os distintos níveis socioeconômicos dos Estados e suas mais diversas culturas, línguas, heranças históricas e matrizes religiosas. Ao final do século XX, uma grande transformação ocorre, sistematicamente, para a política internacional com o processo linear de enfraquecimento, falência e implosão da URSS em dezembro de 1991 no quadro mais ampliado dos eventos da queda do Muro de Berlim. É bem verdade que a URSS já daria claros sinais de convulsão político-institucional em 14 de junho de 1990 quando a Federação Russa declara, unilateralmente, sua independência da URSS, criando um vácuo na anatomia do Império, esfacelando sua engrenagem centralizadora – já foram tratados tais elementos no presente no artigo.⁴

2. CONJUNTURA INTERNACIONAL: ENTRE O LEGALISMO E O POLITICISMO – DABATES E REFLEXÕES

Toda a conjuntura internacional à época trouxe, em um primeiro momento, uma dicotomia interpretativa: uma de linha otimista-triunfalista materializada na tese do fim da história de Fukuyama e outra de linha realista-pessimista centrada no artigo seminal, inicialmente, publicado em artigo da *Foreign Affairs* de 1993, que, posteriormente, iria se transformar em livro polêmico e de profundo impacto em todo mundo escrito por Samuel Huntington: *O Choque de Civilizações*. Antes de analisar o realismo de fraturas (ou clivagens civilizacionais) de Huntington é útil mapear a conjuntura internacional em seus primeiros momentos de euforia pós-queda do Muro de Berlim (1989) e pós-extinção da URSS (1991).

⁴ KAGARLITSKY, Boris. *A Desintegração do Monolito*. São Paulo, UNESP, 1999. p. 42-51.

A pós-bipolaridade – marco de formação de nova ordem mundial no panorama das Relações Internacionais contemporâneas – deve ser encarada não necessariamente como ponto fixo ou momento histórico estanque no dínamo espaço-tempo da política internacional, mais sim como processo que possui, naturalmente, seu fluxo, suas contradições, seu *momentum* fluído entre 1989 e 1991. A partir deste novo corte na história das Relações Internacionais novas vertentes do realismo se estruturaram, tendo como evidência empírica o pessimismo relativo das novas (e velhas) fraturas no tabuleiro do poder internacional.

Unidos pela percepção do realismo ofensivo de Mearsheimer e do realismo de choque civilizatório huntingtoniano e, de forma incisiva,

pode-se reforçar que a política internacional é movida e alimentada por contradições não somente do próprio capitalismo globalizado de terceira geração, mas também pelo embate civilizacional, tendo como lógica epistêmica a matriz realista recrudescida pelas instabilidades e pelos ciclos hegemônicos de longa duração de emergência, apogeu e declínio hegemônico.

Se forem consideradas hipóteses centradas na ONU como vetor ou ponto de inflexão do fim da rivalidade Leste-Oeste, o ano de 1992 vai representar o início do pós-guerra fria, com a primeira reunião de Cúpula de Chefes de Estado e Governo no Conselho de Segurança e com a asunção de Boutros Boutros-Ghali.⁵ Vai ser consequência da reunião histórica de Cúpula do CSNU de janeiro de 1992,

⁵ Merece atenção a resolução 660 do CSNU que vai ser marco do importante momento político pós-bipolar internacional tendo como cerne a ONU e seu Conselho de Segurança. A resolução 660, cuja nomenclatura oficial da ONU é S/RES 660 (1990), aprovada, unanimemente, por 14x0x0 com um país não-votante

(Iêmen) dará início a uma fase positiva de cooperação e revitalização pós-bipolar do CSNU depois de quase quarenta e cinco anos de inanição decisória. CASTRO, Thales. *Conselho de Segurança da ONU: unipolaridade, consensos e tendências*. Op. cit. p. 25-34.

sob o signo da “*new world order*” do Presidente Bush, os primeiros momentos da pós-bipolaridade política multilateral de grandes expectativas para o papel que a ONU nunca dantes exercera de forma efetiva. Gradualmente, muitas das euforias e altas esperanças vão se esfacelando no campo sócio-econômico, no campo dos valores (axiologia), no campo cultural e, inegavelmente, no campo da articulação dos países em desenvolvimento e pós-industriais no próprio CSNU. Tal percepção foi, claramente, visível na América Latina com a revolução bolivariana e o socialismo do século XXI com sua retórica inflamada anti-americanista pós-Consenso de Washington (1989).

Defende-se que ainda há hoje resquícios de bipolarismo em meio à incontestável hegemonia unipolar norte-americana e sua perspectiva de pensamento único da globalização do capitalismo liberal e da democracia. Tal afirmação nos leva a crer que o processo político de desbipolarização do mundo ainda é incompleto. Cuba e Coréia de Norte são

resquícios do fósil da bipolaridade, cujas doutrinas marx-leninista e maoísta ainda permeiam a política interna e externa desses países. Ademais, o totalitarismo desses países remonta a uma realidade da “soma zero” das duas superpotências. Outro exemplo da incompletude do processo de finalização da bipolaridade é o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) que ainda traz uma anacrônica estrutura político-estratégica de 1945. O Conselho de Segurança vive, assim, em meio a duas ordens mundiais distintas o que problematiza qualquer reforma de sua composição a curto ou médio prazo: uma a de guerra fria iniciada em 1945 e outra iniciada com o desaparecimento da rival URSS, o que reforça os anseios idealistas por reforma de composição.

Sob o signo da ebulição das reformas e mudanças sistêmicas, teses interpretativas da nova realidade mundial, diante do contexto da *pax democrática* e do triunfalismo do processo de globalização surgiram como as de Fukuyama do “fim da história e o último

homem”, como John Gaddis com substitucionismo ambivalente das forças, como Huntington com a percepção do “choque de civilizações” e os dilemas de segurança no sistema híbrido da “unimultipolaridade”, ou ainda como as teses do realismo pessimista de Mearsheimer, revelando as dificuldades hermenêuticas e epistêmicas do atual momento.⁶ Era o momento de crise do socialismo real que impulsionaria as novas promessas do pensamento único hegemônico liberal – tão combatido por Mészáros – cujo exemplo de declínio e extinção da URSS iria servir de referência para mostrar as contradições sistêmicas do comunismo leninista.

O Leste europeu vai, rapidamente, tentar apagar as

heranças políticas e econômicas deixadas do período em que era área de estrita influência da URSS por meio do Pacto de Varsóvia (Organização do Tratado de Varsóvia) que vai ter vida política entre 1955 e 1991. Com a crise do socialismo real e o declínio do eurocomunismo, o Leste Europeu – exceto em um primeiro momento a Albânia – vai abarcar a rápida transição da economia planejada e autárquica para o neoliberalismo integrativo e globalizado com o estímulo das promessas de tais países ingressarem no dinâmico espaço integrativo europeu da UE e sob sua umbrela de segurança coletiva regional pela OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), com sede em Bruxelas, e pela OSCE (Organiza-

⁶ Sintetizamos a seguir três principais obras para nossa referência e interpretação das novas estruturas de poder da pós-bipolaridade logo em seus primeiros momentos após o chamados “eventos de Berlim” em 1989. FUKUYAMA, Francis. *El fin de la historia e el último hombre*. 5 ed. Buenos Aires, Planeta, 1998. GADDIS, John L. *Toward the Post-Cold*

War World. Foreign Affairs. Nova Iorque, Primavera, 1991. MOD-ELSKI, George. *Is world politics evolutionary learning? International organization*. Inverno de 1990. HUNGTINTON, Samuel. *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. Nova Iorque, Simon & Schuster, 1996.

ção para Segurança e Cooperação na Europa), como sede em Viena.

A análise teórica mais pontual do chamado “realismo ofensivo” de John Mearsheimer tem fontes relevantes de pesquisa e defesa do argumento proposto pelo autor. Segundo o teórico, sua visão de realismo, em uma análise histórica integrada, se fundamenta, estruturalmente, por meio de incentivos da política hegemônica que leva, inexoravelmente, à tragédia, pois boa parte dos grandes *players* não está contente com a atual distribuição de poder mundial. Dessa forma, tais potências emergentes tendem a reinterpretar e condicionar seu apoio estratégico aos países de menor estatura de poder a mudanças gerais e estruturais no panorama dos organismos internacionais, das quotas de participação e votação e também nas redes institucionalizadas formal e informalmente.

⁷ Classifica o autor tais países

como “revisionistas”, ou seja, países que desejam alterar a lógica de poder do *status quo* da política internacional. Há três razões para o comportamento ofensivo dos países emergentes revisionistas, segundo Mearsheimer: a ausência de uma autoridade central plena de gestão estratégica da ordem mundial acarreta situação de autoproteção e autoajuda dos Estados; o aparato militar dos Estados é sempre de cunho ofensivo e, por fim, os Estados nunca estão totalmente seguros sobre as intenções mencionadas e os atos praticados pelos mesmos na arena internacional.⁸

Além disso, o realismo ofensivo de Mearsheimer advoga a tese de que os sistemas multipolares são bem mais propensos às guerras que os sistemas bipolares, como assim propunha a matriz do neorrealismo. Potenciais países hegemônicos no jogo de poder de alta densidade trazem consigo situações danosas

⁷ MEARSHEIMER, John. *The Tragedy of Great Power Politics*. Nova Iorque, WW Norton, 2001. p. 4-18; 168-233.

⁸ MEARSHEIMER, John. *The Tragedy of Great Power Politics*. Op. cit. p. 3.

para a paz e ordem estável do *status quo* mundial. Seus argumentos beiram o determinismo fatalista, porém, trazem importantes reflexões para o atual curso do cenário internacional com a emergência da China e de outros BRICS (incluindo a África do Sul pós-Cúpula de abril de 2011 na China). O expansionismo territorial e de acesso mercados é outro ponto bastante abordado por Mearsheimer que demonstra a tese já tratada aqui de que a busca incessante pela maximização estrutural do poder nacional traz fluxos naturais de emergência e declínio (exclusão) dos mesmos países hegemônicos.⁹ O grande problema está no encontro (e desencontro), segundo o teórico, das macro-tendências do tabuleiro de xadrez mundial, levar a guerras

pela disputa acirrada por mais quociente de poder. Para reforçar tais visões do realismo ofensivo, faz-se necessário salientar a matéria de capa e os conteúdos da edição da *Foreign Affairs* (março/abril de 2011) quando, em diversos artigos ali presentes e todos unidos cientificamente por uma mesma percepção, enfatizam que a emergência da China poderá trazer, mesmo que de maneira matizada guerras localizadas e/ou a contradição violenta sistêmica.¹⁰

Ainda tendo por base a trajetória histórica do realismo ofensivo e do realismo de corte e choque civilizatório, convém explicitar alguns pontos adicionais. Ao mesmo tempo em que a democracia liberal de mercado seria saudada com regozijo em várias

⁹ MEARSHEIMER, John. *The Tragedy of Great Power Politics*. Op. cit. p. 5; 360-402

¹⁰ Foram detectados quatro artigos principais da *Foreign Affairs* em sua edição de março/abril, à guisa de exemplo ilustrativo e reforço mais amplo da tese realista ofensiva sobre a China nas perspectivas de emergência e contradição. Vide os dois

artigos diretamente consultados para elaboração de tais argumentos: JISI, Wang. China's Search for a Grand Strategy. *Foreign Affairs*. Nova Ioque, Council on Foreign Relations, março/abril de 2011. p. 68-79. GLASER, Charles. Will China's Rise Lead to War. *Foreign Affairs*. Nova Ioque, Council on Foreign Relations, março/abril de 2011. p. 80-91.

partes, novos termos entrariam para o imaginário coletivo e para o léxico das Relações Internacionais como “famina étnica”, “assistência humanitária”, “balcanização” e o trinômio “*peacekeeping peace-making/peace-building*”, aprofundando as contradições inerentes à política internacional. O nacionalismo linguístico e étnico bem como o fanatismo religioso que pareciam estar dormentes após as téticas experiências da primeira e segunda grandes guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945) ressurgiriam com força maquiavélica de extermínio sistemático. Aliado ao desencaixe do Estado com vários grupos étnicos minoritários, tendências de extrema direita na Europa, sobretudo com os movimentos neonazistas e neofascistas, começariam a desestabilizar a tão esperada e celebrada nova ordem mundial de paz e segurança mundiais. Tais pontos seriam evidenciados por ambas as perspectivas do realismo ofensivo de Mearsheimer e de choque civilizatório de Huntington.

A matriz de subsistema integrada pelo amplo e

denso sistema internacional trouxe o funcionamento político e o impacto das grandes civilizações na política internacional, cujo papel é imprescindível para as Relações Internacionais. Huntington definiu como grandes civilizações (ocidental, latino-americana, africana, islâmica, sínica, hindu, ortodoxa, budista e japonesa) que entrarão em choque com a despolarização, cada uma exercendo representatividade, poder e força gravitacional política. Fortemente criticado por sociólogos, antropólogos e cientistas políticas de diversas matrizes e linhas acadêmicas, Huntington trouxe à tona debates complexos no campo das ideias e das orientações de formulação e execução de política externa realista no início dos anos 2000 com a gestão neoconservadora de GW Bush.

A abordagem socio-cultural e teológica tem impacto substancial no campo político do momento da hermenêutica realista-pessimista huntingtoniana. Neste sentido, é importante salientar e refletir sobre as palavras de Eduardo Viola e Hector Reis

sobre o subsistema civilizacio- nal, seus choques e seu papel:

11

A civilização Ocidental ocupa definitivamente o lugar de vanguarda do processo civilizatório porque a combinação da economia de mercado, o individualismo, o Estado de direito e a democracia representativa produziram uma sociedade muito superior no domínio da natureza e na construção de uma tecnosfera. A civilização Japonesa já convergiu plenamente com a Ocidental. A civilização Latino-americana apresenta hoje alta heterogeneidade, indo desde a bastante convergência com Ocidente, nos casos de Chile, Costa Rica, Uruguai, Brasil e México até a máxima distância, nos casos de Cuba, Haiti, Nicarágua, Guatemala e Honduras. A civilização Eslava inicia apenas em 1989 o processo de aproximação com Ocidente, sendo que essa aproximação é cheia de avanços e retrocessos. Desde o 11 de setembro a liderança de Putin na civilização Eslava está produzindo uma aceleração da convergência com Ocidente. A civilização Confuciana é impulsionada na direção da convergência com Ocidente por causa do vetor tecnológico e é impulsionada para tomar distância com Ocidente pelo vetor sócio-psicológico.

A civilização Hinduísta mantém-se muito distante de Ocidente na medida que conserva o regime de castas, mas aproxima-se de Ocidente por causa do vetor tecnológico e pela democracia política. A civilização Islâmica está atualmente em processo de confronto com a civilização Ocidental e, em menor medida, com as civilizações Hinduísta, Eslava e Chinesa. Após a Segunda Guerra Mundial começou um processo significativo de reforma secularizante em vários países do mundo islâmico, mas a derrota dos árabes nas guerras contra Israel, em 1967 e 1973, e a queda do Xá do Irã em 1979, inverteram esse processo, levando a um progressivo deterioro dos laços do Islamismo com o secularismo e com Ocidente em particular. A civilização Africana depois de ter sido parcialmente ocidentalizada durante o período colonial de meados do século 19 a meados do século XX está em processo de devastadora regressão, sendo território fértil para o avanço do Islamismo.

Voltando ao paradigma realista pós-bipolaridade (pós-nova ordem mundial), deve-se enfatizar que as ordens mundiais são fronteiras, são compartimentalizações

¹¹ REIS, Hector & VIOLA, Eduardo. O fortalecimento do sistema unipolar, a guerra vitoriosa contra o terrorismo e a vulnerabilidade da América Latina. *REDE BRASI-*

LEIRA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - RELNET. Disponível em: <http://www.relnet.com.br/>. Acesso em 13 de julho de 2005.

políticas das épocas da interação entre os Estados e outros atores internacionais. As ordens mundiais condicionam o comportamento e o processo decisório dos Estados no *status quo* definido, geralmente por meio de guerras, de truculências e arbitrariedades, e acordado tática ou expressamente pelos demais componentes estatais integrantes.

3. CONCLUSÕES E DIÁLOGOS A POSTERIORI

A crença estrutural no progresso humano e a visão otimista da natureza humana, ao contrário do realismo clássico, trazem mudanças fundamentais para a conduta dos Estados. O sociologismo republicano enfatiza, por meio da escola liberal, que se deve ter atenção especial nas instituições internas dos países, pois as mesmas levam a mudanças mais sensíveis para paz e a cooperação internacionais com base em valores comuns dos povos. O desejo comum para a promoção da paz por

via da intensificação dos relacionamentos de vários níveis e estágios no campo comercial.

É natural pressupor que, no *habitus* das Relações Internacionais contemporâneos, os Estados formulam suas políticas externas e as executam muitas vezes por meio de hibridismos axiomáticos. As mesclas de paradigmas existem em razão da complexidade pós-moderna do mundo da política internacional. Há elementos de mescla dos paradigmas das Relações Internacionais em muitas das posições, das justificativas oficiais e dos atos políticos estatais. Isto é, nem sempre uma atitude política de um determinado Estado é produto exclusivo de um ponto dentro do amplo espectro dicotômico realismo-idealismo. Há medidas tomadas que, muitas vezes, utilizam o discurso idealista, no entanto, evidenciam uma clara atitude *Realpolitik*.

À guisa de conclusão, observa-se tal fato nas justificativas de guerra quando se faz necessária a convocação de valores jusfilosóficos perenes para legitimação de um ato brutal como é a eclosão de

uma guerra entre Estados. Vale afirmar que guerra que é um ato de escolha racional dos atores políticos sempre precisando de uma justificativa legítima que, não necessariamente, precisa ser coerente, coesa, reta, ou digna.¹²

Na intervenção liderada por forças norte-americanas na Somália, por exemplo, com um mandato interventivo por parte do Conselho de Segurança da ONU, os Estados Unidos utilizaram o discurso da tese idealista de assistência humanitária àquele país destruído pela desordem e pela desagregação de líderes guerrilheiros locais, como fora o caso de Mohammed Farah Aidid com claros interesses polí-

ticos de sensibilização do eleitorado norte-americano com a mesma exitosa fórmula da Guerra do Golfo (1991) para a reeleição do Presidente Bush. Não deu certo repetir a mesma prática do Golfo em 1991. O fato é que a intervenção na Somália resultou em fracasso nas duas vertentes: a militar-estratégica e a eleitoral norte-americana.¹³

Nesta mesma linha de raciocínio, advoga-se que se deve rejeitar a monocausalidade dos fatos e atos internacionais, diante da complexidade internacional e diante da necessidade pedagógica de explanação sobre os fundamentos das escolas de pensamento, especialmente, o libe-

¹² Foi usado o verbete “axioma” na obra lexicográfica de José Mora. MORA, José. *Dicionário de Filosofia*. Op. cit. p. 46. Há também outras referências importantes que serviram de respaldo técnico para esses comentários acima em Politzer acerca do mesmo termo “axioma”. POLITZER, Georges *et al.* *Princípios fundamentais de filosofia*. São Paulo, Hemus, 1975. p. 45-53.

¹³ Dois artigos importantes abordam, com precisão, os fatores de oscilação do comportamento eleitoral

norte-americano pelo uso de intervenções sob a tese humanitária no *Journal of Politics* em sua edição de agosto de 1998: ABRAMOWITZ, Alan; SAUNDERS, Kyle. Ideological realignment in the US electorate. *Journal of Politics*. Austin, University of Texas Press, Agosto de 1998. REGAN, Patrick. Choosing to intervene: Outside interventions in internal conflicts. *Journal of Politics*. Austin, University of Texas Press, Agosto de 1998

ralismo em oposição ao realismo que foi o foco presente deste artigo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWITZ, Alan; SAUNDERS, Kyle. Ideological realignment in the US electorate. *Journal of Politics*. Austin, University of Texas Press, Agosto de 1998.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Xadrez internacional e social-democracia*. São Paulo, Paz e Terra, 2010.

CASTRO, Thales. Entre direito e política internacional: para a formação teórica do semidireito internacional. In DINIZ, Eugênio, org. *Estados Unidos: política externa e atuação na política contemporânea*. Belo Horizonte, Editora PUC-Minas, 2009.

_____. *Teoria das Relações Internacionais*. Brasília, FUNAG/Itamaraty, 2012.

_____. *Conselho de Segurança da ONU: unipolaridade, consensos e tendências*. Curitiba, Juruá, 2007.

FUKUYAMA, Francis. *El fin de la historia e el último hombre*. 5 ed. Buenos Aires, Planeta, 1998.

GADDIS, John L. Toward the Post-Cold War World. *Foreign Affairs*. Nova Iorque, Primavera, 1991.

HUNGTINTON, Samuel. *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. Nova Iorque, Simon & Schuster, 1996.

HOOKEYWAY, Cristopher; PETTTT, Philip, org. *Action & interpretation: studies in the philosophy of the social sciences*. Cambridge, Cambridge University Press, 1978.

HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. São Paulo, Editora Madras, 2001.

KAGARLITSKY, Boris. *A Desintegração do Monólito*. São Paulo, UNESP, 1999.

KANT, Immanuel. *A paz perpétua*. Porto Alegre, L&PM Editores, 2008.

_____. *Perpetual peace and other essays*. 4 ed. Indianapolis, Hackett Publishing, 1992.

_____. *Crítica da Raça Pura*. São Paulo, Nova Cultura, 1999.

KAUFMANN, Walter. *Hegel: texts and commentary*. 3ª. Ed. Notre Dame, University of Notre Dame Press, 1986.

KEOHANE, Robert. *International Institutions and State Power: Essays in International Relations Theory*. Boulder, Colorado Westview Press, 1993.

LEITE, Flamarion. *10 Lições sobre Kant*. Petrópolis, Vozes, 2007.

MEARSHEIMER, John. *The Tragedy of Great Power Politics*. Nova Iorque, WW Norton, 2001.

MODELSKI, George. Is world politics evolutionary learning? *International organization*. Inverno de 1990.

POPPER, Karl. *Objective knowledge: an evolutionary approach*. Oxford, Oxford University Press, 1972.

REIS, Hector & VIOLA, Eduardo. O fortalecimento do sistema unipolar, a guerra vitoriosa contra o terrorismo e a vulnerabilidade da América Latina. *REDE BRASILEIRA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - RELNET*. Disponível em: <http://www.relnet.com.br/>. Acesso em 13 de julho de 2005.

REGAN, Patrick. Choosing to intervene: Outside interventions in internal conflicts. *Journal of Politics*. Austin, University of Texas Press, Agosto de 1998

ROCHA, Antônio Jorge Raimundo da. *Relações Internacionais: teorias e agendas*. Brasília, FUNAG/IPRI, 2002.

STILES, Kendall. *Case histories in international politics*. Nova Iorque, HarperCollins, 1995

TSEBLIS, George. *Veto Players: how political institutions work*.

Princeton, Princeton University Press, 2002.

WENDT, Alexander. *Social Theory of International Politics*. UK: Cambridge University Press, 1999.

ZITOSKY, Jaime. *O método fenomenológico de Husserl*. Porto Alegre, Editora da PUC-RS, 1994.